

A DIFERENÇA ENTRE A MORAL E A POLÍTICA PARA MAQUIAVEL

JOSÉ ALCEBIADES DE OLIVEIRA JÚNIOR

MESTRANDO do CPGD — UFSC

Abordar algum tema em Maquiavel, seja pela tortuosa via do pensamento político moderno, ou por impressões colhidas diretamente nos seus textos, é sempre uma tarefa árdua; na exigüidade autorizada à confecção de uma tal proposta — traçar muros epistemologicamente significativos no pensamento do autor florentino —, talvez não se consiga mais do que compor uma representação dramática, coagulada pela ideologia, travestida num linguajar pedante. Com efeito, solidarizo-me às angústias de Raymond Aron⁽¹⁾.

Inicialmente, gostaria de associar o problema da moral e da política em Maquiavel ao conjunto de evocações significativas que desde uma perspectiva global desabrocham de sua obra, e neste sentido, poder dizer que retomá-lo é, decerto, pinçar um dos mais importantes fios históricos que levam do presente ao passado filosófico e histórico; é, sobretudo, regressar à gênese política do Estado-Nação (ainda monárquico e administrativo). Para J. Jacques Chevallier, “o Renascimento vive sob a égide de um personagem — Maquiavel — e, a prazo mais longo, a sua influência domina toda

(1) Ver, especialmente, o texto publicado na aula n° 8, “Maquiavel e Marx”. *Jornal da Tarde* de 23/04/83.

a idade moderna e contemporânea, a do Estado-Nação, justo pela clareza incisiva com que separa a política e a moral, afirmando (como evidente) a autonomia e a prioridade da política” (2). Ora, em sendo assim, não há nenhum exagero na outorga de paternidade da ciência política moderna, atribuída comumente a Maquiavel.

Todavia deve-se observar com Gramsci, que a questão da política do modo como Maquiavel a colocou (isto é, a afirmação implícita nos seus escritos que a política é uma atividade autônoma, com princípios e leis diversas das da moral e da religião, proposição que tem um grande alcance filosófico, porque inova implicitamente a concepção da moral e da religião, isto é, inova toda a concepção do mundo) é ainda hoje discutida e contraditada⁽³⁾. Mas não tomemos a direção que Gramsci quis dar ao recolocar o problema, pois uma verificação nessa ótica, implicaria num exame bem mais aprofundado dos meandros da teoria das ciências humanas. Apoiado no sociólogo francês Julien Freund, desde um certo ponto de vista, entendo que essa separação (entre a política e a moral) reveste-se de um caráter prático e exterior (epistemológico). Segundo Freund, a “análise política e a contribuição para a história por parte de Maquiavel eram mais científicas (no sentido que hoje damos ao termo), que os estudos que se consagravam na sua época à física ou à biologia. Esta situação modificou-se nos finais da Renascença”⁽⁴⁾. Nessa inversão, precisamente, reside o questionamento moderno sobre o tema, mas que obviamente fica, neste espaço, apenas projetado⁽⁵⁾.

(2) CHEVALLIER, Jean-Jacques, *História do Pensamento Político*, tomo I, da cidade-Estado ao apogeu do Estado-Nação monárquico, pág. 257.

(3) GRAMSCI, Antonio. *Obras escolhidas*, pg. 155.

(4) Ver Julien FREUD, a teoria das ciências humanas, edição portuguesa.

(5) Refiro-me ao constante aumento da complexidade social e a um certo ceticismo quanto à possibilidade de determinação dos dados da realidade, via representação simbólica, e portanto, a uma indefinição do objeto nas ciências humanas. Contem-poraneamente, Lefort — profundo conhecedor da obra de Maquiavel —, coloca novamente a questão do “realismo em política” como subsidiária do que se possa entender por “real”. O problema — como esse autor faz notar — não é o de oposição entre real e realismo político, pois senão não teríamos chegado (como chegamos), a conviver com disciplinas teóricas na área da política com significados universais; mas sim, de como teorizar o real, suas disfunções, sua dimensão oculta e ideológica. Toda e qualquer apreensão de um mundo histórico-nosso mundo ou mundo dos outros homens — remete a uma experiência da história que, em si mesma, não se acha na história. Ver Claude Lefort, *A Formas da História*. Também do mesmo autor “*Le travail de Uoeuvre Machiavel*”, especialmente o capítulo *Sur la logique de la force*.

Dentre os leitores de Maquiavel, Benedetto Croce trouxe imensos proveitos à ciência política, particularmente nos estudos sobre a ética maquiaveliana, dissolvendo até mesmo, alguns falsos problemas. Nes-t-e sentido, Croce evocando De Sanctis, demonstra como este desfaz confusões na obra de Pasquale Villari (pietista), para quem o grave defeito de Maquiavel é que ele não encara o problema moral. De minha parte, entende com Croce, que as máximas de Maquiavel não são nem morais, nem imorais; tornam-se tais segundo os fins subjetivos e os efeitos objetivos da ação, segundo as intenções e os resultados obtidos⁽⁶⁾. Assim entendida, a moral é retrataria e dependente da política.

Para nosso caso entretanto, não importa considerar se as “razões de Estado” desde uma perspectiva moderna vêm sendo questionadas quanto a seu ideário. Interessa, isto sim, notar que a produção científica de Maquiavel detinha um caráter prático, e como tal, a questão moral (advinda de seu pessimismo quanto às intenções dos homens enquanto poder) deveria ser amputada da dimensão mais objetivada da organização social estatal.

Com Maquiavel, portanto, o que estava obscuro em Aristóteles, recebeu luz; os muros entre a política e a moral foram edificados. Dito em outras palavras, a política de um estágio divino e metafísico, erigira agora o seu ‘logos’ próprio, ou seja, o lugar de sua manifestação: o Estado e as relações inerentes ao poder. Nesta perspectiva, abandonam-se os juízos valorativos (dever transcendente), em favor da natureza humana (ser), da experiência, da virtude não categoria ética mas técnica, adotando-se a postura de uma ciência descritiva, a qual mais tarde Augusto Comte chamaria (ciência) positiva. Numa palavra, Maquiavel não nega a existência de uma moral supra-individual, mas não a discute dentro do novo espaço vital: o público; que apenas vê como nível para a realização pelo Estado dos fins justamente morais.

Assim, o realismo maquiavélico, após as trevas da Idade Média, pode ser entendido como a primeira aventura epistemológica. No dizer de Alexandre Koiré, “há uma única realidade, a do Estado, um único fato, o do poder. E um problema: como se afirma e se conserva o poder do Estado. (...) O imoralismo de Maquiavel é simplesmente lógica. Do

(6) CROCE, Benedetto. Critique de quelques concepts du marxisme, citado por Antonio Gramsci, Obras escolhidas, pg. 157.

ponto de vista em que ele se coloca, a religião e a moral são apenas fatores sociais. São fatos que é necessário saber utilizar, com os quais é preciso contar. É só ⁽⁷⁾.

Por isso, há de se convir com o prof. Isaiah Berlin que a conduta política é a parte intrínseca da possibilidade “de ser” em um determinado estágio da civilização (polis) e o que exige é intrínseco ao poder viver uma vida humana bem sucedida. Não há divórcio entre duas esferas autônomas, e o rechaço da ética cristã não se dá em favor de algo que não é moralidade alguma, mas tão-somente um jogo de habilidade, um outro universo moral, uma sociedade na qual todos os homens lutam e estão dispostos a morrer em prol de finalidades públicas que procuram atingir em seu próprio benefício⁽⁸⁾.

Enfim, a determinação do objeto de uma ciência (obra de Maquiavel) não implica em poder abstraí-lo da totalidade, isto é, dos valores do conjunto social, nem tampouco negar-lhe essa dimensão. A política forma parte da totalidade social na qual cobra seu valor e seu sentido; abstraí-la desse contexto não teria sido o pecado original de Maquiavel? Será mesmo verdade que a política se esgota nos limites do Estado? Acredito, que, justamente devido a essa concepção reducionista da política, é que (mesmo aqueles que criticaram o Estado capitalista — como Marx —), terminou-se por ‘endeusar’ e legitimar a pseudo-racionalidade do atual modelo de dominação estatal. Numa nota: a moral determina a política.

(7) Ver *Etudes d'histoire de la pensée scientifique*, Paris PUF, de Alexandre KOIRÉ, 1966, pg. 11. Acerca do método de Maquiavel, o autor evoca Descartes: “que belo discurso do método está implícito na obra do secretário florentino!” Koiré alude ainda a Francis Bacon. Citação retirada de *História do Pensamento político*, J.J. Chevallier, tomo I, pg. 275.

(8) Conforme Isaiah BERLIM, ‘O Mestre’, trabalho publicado na aula nº 8, do *Jornal da Tarde* de 23/04/83. Texto elucidativo de algumas controvérsias geradas pela releitura de Maquiavel.